

## *As Três Irmãs*

*As Três Irmãs*

Título original *Три Сестры* (1900)

Autor **Anton Tchêkhov**

Tradução **António Pescada**

Direcção editorial **João Luís Pereira, Pedro Sobrado**

Direcção gráfica **João Faria**

Capa e paginação **Sal Studio**

Fotografia **João Tuna**

© 2021, Teatro Nacional São João

e Edições Húmus, Lda.

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

T 92 637 53 05

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde

1.ª edição: Janeiro de 2021

Depósito legal n.º 478339/20

ISBN 978-989-755-572-5

Colecção Teatro Nacional São João – 36

Resultado de uma parceria com as editoras Campo das Letras (2007-08) e Húmus, a Colecção Teatro Nacional São João privilegia a edição de textos originais e novas traduções encomendados para a encenação de espectáculos produzidos pelo TNSJ ou integrados na sua programação.

Este livro não segue a grafia do novo acordo ortográfico.



OPERAÇÃO CENTENÁRIO

**NORTE2020**  
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL NORTE

**PORTUGAL**  
**2020**



MECENAS DO CENTENÁRIO



**Fundação "la Caixa"**

ANTON TCHÉKHOV

# AS TRÊS IRMÃS

TRADUÇÃO

António Pescada





Feita originalmente para uma encenação de Nuno Cardoso  
(Ao Cabo Teatro, Teatro Nacional D. Maria II, 2011), a tradução  
aqui publicada foi revista para o espectáculo estreado  
no Teatro Carlos Alberto (Porto), no dia 7 de Janeiro de 2021.

***As Três Irmãs***  
de **Anton Tchékhov**  
tradução **António Pescada**

concepção e direcção **Carlos Pimenta**  
dramaturgia **Rui Lage**  
sonoplastia/desenho de som **Francisco Leal**  
música **Ricardo Pinto**  
desenho de luz **Rui Monteiro**  
figurinos **Bernardo Monteiro**  
vídeo **João Pedro Fonseca**  
assistência de encenação **Génesis Abigail**

interpretação  
**Emília Silvestre** *Macha*  
**Isabel Queirós** *Olga*  
**Bárbara Pais** *Irina*  
**Daniel Silva** *Andrei*  
**Margarida Carvalho** *Natacha*  
**Paulo Freixinho** *Verchínin*  
**João Cravo Cardoso** *Tuzenbakh*  
**José Eduardo Silva** *Ferapont (?)*  
**Jorge Mota** *Tchebutikhin*  
**João Castro** *Kulíguin*  
**Clara Nogueira** *Anfissa*  
**António Afonso Parra** *Solióni*

co-produção **Ensemble – Sociedade de Actores, Teatro Nacional São João**







*As Três Irmãs*  
Drama em quatro actos

“OLHAI A NEVE A CAIR”, DE ROGER GRENIER 13

AS TRÊS IRMÃS 19



# “Olhai a neve a cair”

ROGER GRENIER\*

As personagens de Tchékhev não estão com meias-medidas: “Não fazeis a mínima ideia do inferno em que vivo! Um inferno de vulgaridade e de decepção.” (Platónov, em *Platónov*)

“Não passo de um limão espremido, de um esfregão, de um prego enferrujado...” (Svetlovídov, em *O Canto do Cisne*)

“Sou um ser mau, lastimável, nulo.” (Ivanov, em *Ivanov*)

“Dia e noite, como um demónio familiar, habita-me o pensamento de que a minha vida está irremediavelmente perdida.” (Vóinitski, em *O Espírito dos Bosques*)

“Diz-me, então, porque vivo eu? Para quê esta sucessão ininterrupta de sofrimentos físicos e morais?” (Tolkatchov, em *O Trágico à Força*)

“Carrego o luto da minha vida, sou infeliz.” (Macha, em *A Gaivota*)

“Tudo envelheceu. Eu sou o mesmo que era dantes, talvez pior porque me tornei preguiçoso, limito-me a resmungar como um velho encarquilhado.” (Vóinitski, em *O Tio Vânia*)

“Senti que todos os dias diminuía, gota a gota, as minhas forças e a minha juventude.” (Olga, em *As Três Irmãs*)

“Nunca consegui triunfar em nada. Envelheci, embrutecei-me. E não há ninguém com quem possa esvaziar o meu coração... Isto dá vontade de chorar...” (Niúkhin, em *Os Malefícios do Tabaco*)

“Se eu pudesse tirar da minha alma, dos meus ombros, a pedra pesada, se eu conseguisse esquecer o meu passado.” (a Senhora Liubov, em *O Cerejal*)

Não são personagens de tragédia que falam assim. Não são heróis lançados numa trajectória por qualquer inexorável paixão. As personagens do teatro de Tchékhov são criaturas sonhadoras, distraídas. Elas são inteligentes e vemos todo o tipo de pensamento e de emoções assaltarem-nas, e abandonarem-nas depois. São pessoas da província que reflectiram durante anos. Asfixiam lentamente. Esmagadas pela sua vida actual, profetizam dias melhores para as gerações que virão a seguir. Evocam o amanhã com um lirismo comovente. Mas o pessimismo prevalece. Se a vida não tem sentido, ela não passa “de uma farsa de colegiais” (*As Três Irmãs*). Na mesma peça, Tuzenbakh ironiza: “O sentido?... Reparai, olhai a neve a cair, que sentido tem isso?”

Nos séculos futuros, será sempre igualmente difícil morrer, e também viver. E a vida continuará igualmente incompreensível.

Tchékhov não reserva para os seus protagonistas a infelicidade de viver. A mais ínfima das suas criaturas debate-se entre o impossível, o para quê, o demasiado tarde. As três irmãs da peça que tem esse título são infelizes, mas o irmão delas também: “A minha mulher não me compreende, tenho medo das minhas irmãs...” E igualmente Verchínin, que gosta tanto de se queixar. Em *A Gaivota*, cabe todo um romance numa frase de uma personagem completamente secundária, Polina:

“Euguéni, meu querido, meu bem-amado, leva-me contigo! O tempo passa, já não somos jovens. Se no fim da nossa vida pudéssemos, pelo menos, não nos esconder, não mentir.”

Anton Tchékhov troça daqueles que o censuram por escolher semelhantes personagens:

“Porque são apenas representados os fracos, os homens sem energia e os culpados?”; e cada um recomenda que escolha homens fortes, robustos e interessantes, subentenda-se eles próprios.”

“Onde vos conduzirão as vossas personagens?”, perguntou-lhe um dia Tolstói.

“Do divã onde estão deitadas até à despensa, ida e volta”, respondeu Tchékhov.

Roger Martin du Gard diz que essas personagens têm “aquele halo exterior e aquele abismo interior que fazem com que o livro nos caia das mãos”.

A partir do momento em que constataram a inutilidade da filosofia, as personagens põem-se a falar seja do que for. A construção das peças é invisível. Este teatro não tem acção, ou pelo menos não tem peripécias. Parece feito da hora que passa, de coisas caladas, de um pouco de música. Um tiro vem por vezes quebrar o silêncio. Mas não se trata de um desenlace. Como diz Macha, no final de *As Três Irmãs*: “Temos de viver.”

Cada momento parece falhado. A sua sucessão deixa um gosto a incumprimento que é o verdadeiro tema. É por isso que este teatro nos dá mais do que qualquer outro a impressão do tempo que se escoia. Sabe-se que nada vai mudar, que tudo se vai repetir. Eternamente, falar-se-á do futuro sem se acreditar nele, depois de se ter chorado o passado. No final de *A Gaiota*, Nina lembra-se da peça de Tréplev em cujo primeiro acto ela representara: “Como estávamos bem outrora... Como a vida era clara, quente, alegre, pura...” É completamente falso, a peça tinha sido um fracasso e Nina só pensava em partir. O espectador poderia servir de testemunha.

O móbil dramático consiste no seguinte: os dias passam, e não se passa nada. Em *As Três Irmãs*, explica Tchékhov, “as pessoas jantam, limitam-se a jantar e, durante esse tempo, edifica-se a sua felicidade ou desfaz-se por inteiro a sua existência”. O tempo, que se tornou personagem principal do romance moderno, é já uma conquista do teatro tchekhoviano.

Às objecções dos seus amigos, Tchékhev retorque: “Não há necessidade de tema. A vida não conhece temas, na vida tudo está misturado, o profundo e o insignificante, o sublime e o ridículo. Todos vós andais hipnotizados e escravizados pela rotina, incapazes de vos libertardes dela. Precisamos de formas novas, sim, de formas novas.”

“Formas novas”: ele põe a expressão na boca de Tréplev, o jovem escritor de *A Gaivota*.

Obviamente, Tchékhev traz algo de novo a esta polémica. Se a construção das suas peças é invisível, isso não quer dizer que não exista. Ele sabe sempre para onde está a ir. A mistura de donjuanismo e de cobardia de Platónov, a fraqueza de carácter de um homem que deseja o bem, como Ivanov, os jovens provincianos que se despedaçam nos seus sonhos de glória, em *A Gaivota*, as vidas arruinadas pelas verdadeiras e falsas partidas de *As Três Irmãs*, Vóinitzski e Sónia sacrificados ao egoísmo dos seus pais em *O Tio Vânia*, a casa perdida em *O Cerejal*, cada peça obedece a um tema claro. Se a acção não avança de maneira tradicional, nem por isso deixa de ter a sua unidade.

Simplesmente, se conhecemos alguma coisa da vida interior das personagens, não é através dos diálogos. Enquanto elas falam, sentimos que estão a pensar noutra coisa. “Em palco, deixa-te levar pelos teus pensamentos mesmo a meio das conversas”, aconselha Tchékhev a Olga Knipper. E justifica o seu conselho:

“As pessoas que há muito tempo trazem em si uma mágoa habituaram-se a ela, assobiam e ficam muitas vezes pensativas.”

Anton Pávlovitch é como as suas personagens. Quando se dirige a todos, pensa noutra coisa e mantém o seu mistério.

Por vezes, as suas criaturas estão tão ocupadas com os seus próprios pensamentos que o diálogo se lhes torna insuportável e

reclamam o silêncio, o que é um extraordinário paradoxo, visto que se trata de teatro: “Cala-te até eu me lembrar de tudo, cala-te...”, diz Anna Petrovna em *Platónov*.

- \* In *Olhai a Neve a Cair: Impressões de Tchékhev*. Trad. Manuel de Freitas. Porto; V.N. Famalicão: Teatro Nacional São João; Húmus, 2020. (Empilhadora; n.º 1)



# *As Três Irmãs*

## *Personagens*

ANDREI *Serguéievitch Prózorov*

NATACHA (*Natália Ivánovna*), sua noiva, e depois esposa

OLGA, MACHA, IRINA, suas irmãs

KULÍGUIN, *Fiódor Ilitch*, professor de liceu, marido de Macha

VERCHÍNIN, *Aleksandr Ignátievitch*, tenente-coronel,  
*comandante de bateria*

TUZENBAKH, *Nikolai Lvóvitch*, barão, tenente

SOLIÓNI, *Vassili Vassílievitch*, capitão

TCHEBUTÍKIN, *Ivan Románovitch*, médico militar

FEDÓTIK, *Aleksei Petróvitch*, alferes

RODÉ, *Vladimir Kárlovitch*, alferes

FERAPONT, *um velho*, guarda no município

ANFISSA, *ama*, uma velha de oitenta anos

*A acção decorre numa cidade de província.*



## PRIMEIRO ACTO

*Em casa dos Prózorov. Sala de estar com colunas, para lá das quais se vê um salão. É meio-dia; lá fora está sol, bom tempo. No salão estão a pôr a mesa para o almoço.*

*OLGA tem um vestido azul de uniforme de professora do liceu feminino, passa o tempo a corrigir os cadernos das alunas, de pé e a caminhar; MACHA, com um vestido preto, o chapéu sobre os joelhos, está sentada a ler um livro;*

*IRINA, com um vestido branco, está de pé, pensativa.*

OLGA: O pai morreu há precisamente um ano, neste mesmo dia, 5 de Maio, dia do teu santo, Irina. Fazia muito frio, estava a nevar. Eu achava que não ia sobreviver; tu estavas deitada, desfalecida, como morta. Mas passou um ano e nós recordamos isso facilmente, tu já andas de vestido branco, a tua cara resplandece... *(O relógio bate as doze horas.)* E também dessa vez o relógio deu as horas. *(Pausa.)* Lembro-me de que, quando levaram o pai, tocava a música, no cemitério dispararam salvas. Ele era general, comandava uma brigada, mas havia muito pouca gente. Aliás, nesse momento chovia. Chuva forte e neve.

IRINA: Para quê recordar!

*(Para lá das colunas, no salão, aparecem o barão TUZENBAKH, TCHEBUTÍKIN e SOLIÓNI.)*

OLGA: Hoje está calor, podemos ter as janelas abertas de par em par, mas as bétulas ainda não têm folhas. O pai recebeu o comando da brigada, veio connosco de Moscovo há onze anos e, lembro-me muito bem, no princípio de Maio, por esta mesma altura, em Moscovo já estava tudo a florir, fazia calor, estava

tudo inundado de sol. Passaram onze anos, e lembro-me de tudo como se tivéssemos vindo ontem. Meu Deus! Esta manhã acordei, vi tanta luz, a Primavera, a minha alma agitou-se de alegria e senti um desejo louco de voltar para a terra natal.

TCHEBUTÍKIN: Nada disso!

TUZENBAKH: Claro, é um disparate.

(MACHA, *debruçada sobre o livro, pensativa, assobia baixinho uma canção.*)

OLGA: Não assobies, Macha. Como podes tu! (*Pausa.*) Por ir todos os dias para o liceu e depois ainda dar lições até à noite, dói-me constantemente a cabeça e tenho pensamentos como se já fosse velha. E realmente, nestes quatro anos em que trabalho no liceu, sinto que cada dia escorrem de mim em gotas as forças e a juventude. E só um sonho cresce e se reforça...

IRINA: Ir para Moscovo! Vender a casa, acabar tudo aqui, e ir para Moscovo...

OLGA: Sim! Depressa para Moscovo.

(TCHEBUTÍKIN e TUZENBAKH *riem-se.*)

IRINA: O nosso irmão há-de ser por certo professor, de qualquer maneira não vai ficar a viver aqui. Só resta a pobre Macha.

OLGA: A Macha irá a Moscovo no Verão, todos os anos.

(MACHA *assobia baixinho uma canção.*)

IRINA: Se Deus quiser, tudo se há-de arranjar. (*Olhando pela janela.*) Hoje está bom tempo. Não sei porque tenho a alma tão serena! Esta manhã lembrei-me de que era o dia do meu santo e de repente senti-me alegre, lembrei-me da infância, de quando a mamã ainda era viva! E que pensamentos maravilhosos me agitaram, que pensamentos!

OLGA: Hoje estás toda radiante, pareces invulgarmente bonita. E a Macha também está bonita. O Andrei também podia ser bonito,

mas engordou muito e não lhe fica bem. Eu envelheci, estou mais magra, certamente porque no liceu me zango com as raparigas. Mas hoje estou livre, estou em casa e não me dói a cabeça, sinto-me mais nova do que ontem. Tenho vinte e oito anos, só... Está tudo bem, tudo vem de Deus, mas parece-me que, se eu me casasse e ficasse em casa todo o dia, seria melhor. (*Pausa.*) Havia de amar o meu marido.

TUZENBAKH: (*Para SOLIÓNI.*) Você diz tais disparates que estou farto de o ouvir. (*Saindo para a sala de estar.*) Esqueci-me de dizer que hoje vem visitá-las o nosso novo comandante de bateria, Verchínin.

(*Senta-se ao piano.*)

OLGA: Pois bem! Tenho muito gosto.

IRINA: Ele é velho?

TUZENBAKH: Não, nem por isso. No máximo, quarenta ou quarenta e cinco anos. (*Toca devagarinho.*) Parece que é muito boa pessoa. Nada tolo – isso é certo. Mas fala muito.

IRINA: É um homem interessante?

TUZENBAKH: Sim, bastante, mas tem mulher, sogra e duas filhas pequenas. Além disso é casado pela segunda vez. Anda a fazer visitas e em toda a parte diz que tem mulher e duas filhas. E também aqui dirá. A mulher parece que é meio idiota, com uma longa trança de rapariga solteira, só diz coisas altissonantes, filsofa e tenta muitas vezes suicidar-se, ao que parece para fazer a vida difícil ao marido. Eu há muito que teria deixado uma mulher assim, mas ele suporta e apenas se lamenta.

SOLIÓNI: (*Vindo do salão para a sala de visitas com TCHEBUTÍKIN.*) Com uma mão levanto apenas meia arroba, mas com as duas levanto cinco, e até seis arrobos. Concluo daí que dois homens são mais fortes do que um, não duas vezes, mas três vezes e até mais...

TCHEBUTÍKIN: (*Lê um jornal enquanto caminha.*) Para a queda do cabelo, oito gramas e meio de naftalina em meia garrafa de álcool... dissolver e aplicar diariamente... (*Escreve num caderno.*) Vamos cá tomar nota! (*Para SOLIÓNI.*) Pois, como lhe digo, põe-se a rolha na garrafa e através da rolha um tubinho de vidro... Depois tira-se uma pitada de permanganato, do mais comum...

IRINA: Ivan Románitch, querido Ivan Románitch!

TCHEBUTÍKIN: O que é, minha menina, minha alegria?

IRINA: Diga-me, porque é que eu estou hoje tão feliz? Parece que navego a todo o pano, por cima de mim o vasto céu azul, grandes pássaros brancos passam. Porquê isto? Porquê?

TCHEBUTÍKIN: (*Beijando-lhe as duas mãos, com ternura.*) Minha avezinha branca...

IRINA: Hoje, quando acordei, me levantei e lavei, começou a parecer-me que tudo era claro neste mundo e que sabia como se deve viver. Meu querido Ivan Románitch, eu sei tudo. Uma pessoa deve labutar, trabalhar com o suor do rosto, seja ela quem for, e é só nisso que consiste o sentido e o objectivo da sua vida, a sua felicidade, os seus momentos de êxtase. Que bom ser um operário, que se levanta ao amanhecer e parte pedras na rua, ou um pastor, ou um professor que ensina as crianças, ou um maquinista no caminho-de-ferro... Meu Deus, não apenas uma pessoa, era melhor ser um boi, ser um simples cavalo, mas trabalhar, do que ser uma mulher jovem que se levanta ao meio-dia, bebe o café na cama, depois está duas horas a vestir-se... Oh, como isto é horrível! Tal como por vezes desejamos beber no tempo quente, assim desejava eu trabalhar. E se eu não me levantar cedo e trabalhar, deixe de ser meu amigo, Ivan Románitch.

TCHEBUTÍKIN: *(Com ternura.)* Deixo, deixo.

OLGA: O nosso pai ensinou-nos a levantar às sete horas. Agora a Irina acorda às sete e fica deitada pelo menos até às nove, a pensar não sei em quê. E com uma cara muito séria!

*(Ri-se.)*

IRINA: Tu estás acostumada a olhar para mim como uma menina, por isso achas estranho quando eu tenho uma cara séria. Tenho vinte anos!

TUZENBAKH: Nostalgia do trabalho, oh, meu Deus, como eu a compreendo! Nunca trabalhei na minha vida. Nasci em Petersburgo, cidade fria e ociosa, numa família que nunca conheceu o trabalho nem as preocupações. Lembro-me de que, quando voltei da escola militar para casa, o criado descalçava-me as botas enquanto eu tinha caprichos, e a minha mãe olhava para mim com veneração e surpreendia-se quando os outros olhavam para mim de maneira diferente. Protegeram-me do trabalho. Mas é duvidoso que tenham conseguido proteger-me, é duvidoso! Chegou o tempo, avança sobre todos nós uma nuvem de trovoadas, prepara-se uma grande e forte tempestade, que aí vem, que já está perto e em breve varrerá da nossa sociedade a indolência, a indiferença, o preconceito contra o trabalho, o pútrido tédio. Eu hei-de trabalhar, e dentro de uns vinte e cinco ou trinta anos toda a gente há-de trabalhar. Todos, até ao último!

TCHEBUTÍKIN: Eu não hei-de trabalhar.

TUZENBAKH: Você não conta.

SOLIÓNI: Dentro de vinte e cinco anos nós já não estaremos neste mundo, graças a Deus. Dentro de dois ou três anos você morre de morte macaca, ou eu perco as estribeiras e meto-lhe uma bala na testa, meu caro.

*(Tira do bolso um frasco de perfume e pulveriza o peito e as mãos.)*

TCHEBUTÍKIN: (*Ri-se.*) Mas eu na verdade nunca fiz nada. Desde que terminei a universidade, nunca mais mexi um dedo, nem sequer li um livro, só li jornais... (*Tira do bolso outro jornal.*) Aqui está... Sei pelos jornais, digamos, que existiu um tal Dobroliúbov,<sup>1</sup> mas o que ele escreveu, não sei... Não faço ideia... (*Ouve-se bater no chão no andar de baixo.*) Aí está... Estão a chamar-me lá em baixo, alguém me veio ver. Vou já... espere...

(*Sai à pressa, cofiando a barba.*)

IRINA: Aquilo foi ele que inventou alguma.

TUZENBAKH: Sim. Suiu com uma fisionomia solene, pelos vistos vai trazer um presente para si.

IRINA: Que desagradável!

OLGA: Sim, é horrível. Ele está sempre a fazer disparates.

MACHA: *Há um carvalho verde na baía,  
E no carvalho uma corrente de ouro...  
No carvalho uma corrente de ouro...<sup>2</sup>*

(*Levanta-se e canta baixinho.*)

OLGA: Hoje estás triste, Macha. (*MACHA, cantando, põe o chapéu na cabeça.*) Aonde vais?

MACHA: Para casa.

IRINA: Que estranho.

TUZENBAKH: Ir-se embora no dia do santo!

MACHA: Não importa... Venho à noite. Adeus, minha linda. (*Beija IRINA.*) Desejo-te uma vez mais que tenhas saúde, que sejas feliz... Noutro tempo, quando o pai era vivo, no dia do santo vinham sempre a nossa casa trinta ou quarenta oficiais, havia barulho, e hoje há apenas um homem e meio e está tudo em silêncio, como no deserto... Vou-me embora... Hoje estou com *merlancúndia*, estou triste, tu não liguês ao que eu digo.

(*Rindo-se por entre as lágrimas.*) Depois falamos, mas agora adeus, minha querida, vou a qualquer lado.

IRINA: (*Descontente.*) Ora, isso é mesmo teu...

OLGA: (*Com lágrimas nos olhos.*) Eu compreendo-te, Macha.

SOLIÓNI: Se um homem filosofa, será filosofística ou sofisticada; mas se é uma mulher a filosofar, ou duas mulheres, nesse caso – temo-la tramada.

MACHA: O que quer dizer com isso, homem horrível?

SOLIÓNI: Nada. “Nem consegui suspirar antes de o urso o apanhar.”<sup>3</sup>

(*Pausa.*)

MACHA: (*Zangada, para OLGA.*) Não chores!

(*Entram ANFISSA e FERAPONT com um bolo.*)

ANFISSA: Para aqui, meu caro. Entra, tens os pés limpos. (*Para IRINA.*) Do conselho municipal, de Protopópov, Mikhail Ivánitch... Um bolo.

IRINA: Obrigada. Agradece.

(*Aceita o bolo.*)

FERAPONT: O quê?

IRINA: (*Mais alto.*) Agradece!

OLGA: Ama, dá-lhe um bocado de empadão. Ferapont, vai, que te dão lá empadão.

FERAPONT: O quê?

ANFISSA: Vamos, meu caro Ferapont Spiridóvitch. Vamos...

(*Sai com FERAPONT.*)

MACHA: Não gosto de Protopópov, desse Mikhail Potápitch ou Ivánitch. Não devemos convidá-lo.

IRINA: Eu não o convidei.

MACHA: E muito bem.

(*Entra TCHEBUTÍKIN, e atrás dele um soldado com um samovar de prata; murmúrio de espanto e de desagrado.*)

OLGA: (*Tapa a cara com as mãos.*) Um samovar! Isto é horrível!

(*Sai para o salão em direcção à mesa.*)

IRINA: Caro Ivan Románitch, o que está a fazer?

TUZENBAKH: (*Ri-se.*) Eu disse-lhe!

MACHA: Ivan Románitch, o senhor não tem mesmo vergonha!

TUZENBAKH: Minhas queridas, vocês são as únicas pessoas que eu tenho, para mim são a coisa mais querida que há no mundo. Tenho quase sessenta anos, sou um velho, sozinho, um velho insignificante... Não há em mim nada melhor do que este amor por vós, e se não fossem vocês, há muito que eu não seria deste mundo... (*Para IRINA.*) Minha querida, minha filha, conheço-a desde o dia em que nasceu... trouxe-a ao colo... amei a sua falecida mamã...

IRINA: Mas para quê estes presentes tão caros?

TUZENBAKH: (*Entre lágrimas, zangado.*) Presentes caros... Ora, francamente! (*Para o ordenança.*) Põe o samovar ali... (*Arremedando.*) Presentes caros... (*O ordenança leva o samovar para o salão.*)

ANFISSA: (*Atravessando a sala de estar.*) Minhas queridas, um coronel desconhecido! Já despiu o capote, minhas filhas, vem para aqui. Arínuchka, tu vê se és amável, cortês... (*Saindo.*) E há muito que são horas de almoço... meu Deus...

TUZENBAKH: Deve ser Verchínin. (*Entra VERCHÍNIN.*) Coronel Verchínin!

VERCHÍNIN: (*Para MACHA e IRINA.*) Tenho a honra de me apresentar: Verchínin. Muito, muito prazer por estar finalmente em vossa casa. Mas como está mudada! Ai, ai!

IRINA: Faça favor de se sentar. Temos muito prazer.

VERCHÍNIN: (*Alegremente.*) Que prazer o meu, que prazer! Mas eram três irmãs. Eu lembro-me, eram três meninas. Das caras já

não me lembro, mas que o vosso pai, o coronel Prózorov, tinha três filhas pequenas, lembro-me muito bem e vi-as com os meus próprios olhos. Como o tempo passa! Ai, ai, como o tempo passa!

TUZENBAKH: Aleksandr Ignátievitch é de Moscovo.

IRINA: De Moscovo? O senhor é de Moscovo?

VERCHÍNIN: Sim, sou de lá. O vosso falecido pai era comandante de bateria e eu era oficial dessa mesma brigada. (*Para MACHA.*)

Da sua cara acho que me lembro um pouco...

MACHA: Mas eu não me lembro de si!

IRINA: Ólia! Ólia! (*Grita para o salão.*) Ólia, vem cá! (*OLGA entra na sala de estar.*) O tenente-coronel Verchínin afinal é de Moscovo.

VERCHÍNIN: Portanto, você é Olga Serguéievna, a mais velha...

E você é Maria... E você é Irina, a mais nova...

OLGA: O senhor é de Moscovo?

VERCHÍNIN: Sou. Estudei em Moscovo e comecei o serviço em Moscovo, onde servi durante muito tempo, e por fim recebi uma bateria aqui e mudei-me para cá, como vê. Não me lembro propriamente de vocês, só me lembro de que eram três irmãs. Guardei o vosso pai na memória, fecho os olhos e vejo-o como se estivesse vivo. Eu visitava a vossa casa em Moscovo...

OLGA: Eu achava que me lembrava de todos, e de repente...

VERCHÍNIN: Chamo-me Aleksandr Ignátievitch...

IRINA: Aleksandr Ignátievitch, o senhor é de Moscovo... Vejam que inesperada coincidência!

OLGA: Pois nós vamos mudar-nos para lá.

IRINA: Pensamos que no Outono já lá estaremos. É a nossa cidade natal, foi lá que nascemos... Na Rua Velha Bassmánniaia...

(*Riem-se as duas de alegria.*)

MACHA: Inesperadamente vemos um conterrâneo. (*Com vivacidade.*) Agora lembro-me! Lembras-te, Ólia, em casa costumavam

falar do “major apaixonado”. O senhor nesse tempo era tenente, estava apaixonado não sei por quem, e toda a gente se metia consigo chamando-lhe major...

VERCHÍNIN: (*Rindo-se.*) Pois era, pois era... Major apaixonado, era isso...

MACHA: Nesse tempo só usava bigode... Oh, como envelheceu! (*Entre lágrimas.*) Como envelheceu!

VERCHÍNIN: Sim, quando me chamavam major apaixonado eu era ainda jovem, estava apaixonado. Agora já não é assim.

OLGA: Mas ainda não tem um único cabelo branco. Envelheceu, mas ainda não é velho.

VERCHÍNIN: Mas já tenho quarenta e dois anos. Há muito que vieram de Moscovo?

IRINA: Onze anos. O que é isso, Macha? Estás a chorar, sua tonta... (*Entre lágrimas.*) E eu também começo a chorar...

MACHA: Isto não é nada. E em que rua morava?

VERCHÍNIN: Na Velha Bassmánnia.

OLGA: E nós também morávamos lá...

VERCHÍNIN: Durante algum tempo vivi na Rua dos Alemães. Da Rua dos Alemães ia a pé para o Quartel Vermelho. No caminho havia uma ponte sombria, e a água marulhava por baixo da ponte. Um homem sozinho fica de alma triste. (*Pausa.*) E aqui, que rio tão largo, tão rico! Um rio maravilhoso!

OLGA: Sim, mas faz frio. Aqui faz frio e há mosquitos...

VERCHÍNIN: Ora, não diga isso! O clima aqui é tão saudável, tão bom, um clima eslavo. A floresta, o rio... e também há bétulas. Amáveis, humildes bétulas, são as árvores de que mais gosto. É um bom lugar para viver. Mas é estranho a estação dos caminhos-de-ferro ficar a vinte quilómetros de distância... E ninguém sabe por que razão é assim.